

RICŒUR EM COIMBRA

RECEÇÃO FILOSÓFICA
DA SUA OBRA

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO
JOSÉ BEATO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HERMENÊUTICA E PSICOTERAPIA: DA NARRAÇÃO AO NARRADOR

HERMENEUTICS AND PSYCHOTHERAPY: FROM NARRATION TO THE NARRATOR

Paula Ponce de Leão¹

Resumo

O objetivo desta comunicação é pensar a narração como construção do si mesmo seguindo a teoria da narrativa de P. Ricœur, para a propor enfim como mediação da relação psicoterapêutica. Apresentam-se assim os grandes pressupostos da função narrativa apresentada em *Temps et récit*.

Palavras-chave: Ipseidade; narração; mimesis; relação psicoterapêutica.

Abstract

The goal of this chapter is to think narrative as the construction of oneself following P. Ricœur's narrative theory, in order to ultimately propose narration as a mediation of the psychotherapeutic rela-

¹ paulaponceleao@gmail.com

Professora Associada reformada do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Tem como áreas de interesse a Fenomenologia Hermenêutica, a Ética e as Psicoterapias existenciais.

tionship. Therefore, the main claims of narrative function exposed in *Temps et récit* are presented here.

Keywords: Selfhood; narration; mimesis; psychotherapeutic relationship.

Introdução.

Iniciarei esta reflexão colocando uma série de questões: Será possível articular e construir um diálogo entre duas linhas independentes de pensamento: a linha da hermenêutica-fenomenológica e a linha da psicoterapia-existencial? Não implicará este percurso a reposição das velhas questões da consciência, do *Ego* ou do *Self* enquanto formas maiores de pensar a identidade pessoal? Poderá constituir a teoria da narratividade uma forma nova de ultrapassar a tensão entre elas? Na minha perspectiva, a narração permite não só compreender a identidade através da sua história de vida, como pensar a relação entre subjetividade e intersubjetividade. Mais ainda, a teoria da narração que a hermenêutica ricœuriana desenvolve, engloba simultaneamente a dialética entre história e ficção. Esta “dimensão mista” da narração dá forma e corresponde à *hermenêutica do si*. *A narração torna-se, por isso constitutiva da compreensão de si*² Mas será o homem capaz de contar a sua vida? Qual a credibilidade da sua narração? Mais ainda, pode e merece a vida ser contada? A “história de uma vida” ao construir um encadeamento temporal da ação estabelece uma relação entre consciência e inconsciente, entre subjetividade e intersubjetividade. A retomada, por Ricœur, em *Soi-même comme un autre*, da dialética entre passividade e ação, enquanto tensão constituinte de si mesmo, permite pôr em evidência a relação da narração com a identidade narrativa.

² RICŒUR, P. - Le récit. In *Écrits et conférences*. Paris: Seuil, 2008, p. 278.

A interpretação que me proponho fazer, porque não visa gizar correspondências formais entre hermenêutica e psicoterapia existencial, estrutura-se numa proposta que se desdobra em três momentos: 1 – Os paradoxos do tempo e da identidade que o narra; 2 – A intriga e a poética da narração; 3 - A narração como mediação na relação psicoterapêutica.

1 - Os paradoxos do Tempo e da identidade que o narra.

A teoria da narração surge em *Temps et récit* de P. Ricœur como a mediação entre duas dimensões do tempo: o tempo psicológico e fenomenológico de Agostinho e de Husserl ao qual se contrapõe o tempo cosmológico de Aristóteles. Ricœur acrescenta a estas uma terceira dimensão de tempo, ou seja o tempo da narração. Uma nova forma de pensar a identidade desenha-se desde logo sob a procura de um *Quem*, individual ou coletivo, que se constrói a si próprio pela capacidade que tem de narrar e de narrar-se.³ Porque só o discurso indireto da narração pode dizer a temporalidade, ao interligar no agora um antes e um depois, Ricœur considera a narração como a “guardiã do tempo”⁴. A história de um homem ou de um grupo não pode reduzir-se a uma simples descrição anónima inscrita na ordem da sucessividade cronológica. A função narrativa torna-se, por isso, insubstituível podendo mudar ou transformar-se, mas nunca podendo ser esquecida.⁵ A narração concilia na ação a apreensão do tempo, sempre de carácter singular, com a dimensão da inescrutabilidade que também lhe é própria. Na tradição a passagem

³ THOUARD, D. - Subjectivité et identité: Le sentiment de soi chez P. Ricœur. In AAV - *L'Éthique et le soi chez Paul Ricœur*. Paris: Septentrion Presses Universitaires, 2013, p. 83.

⁴ RICŒUR, P. - *Temps et récit III: Le temps raconté*. Paris: Seuil, 1985, p.349

⁵ RICŒUR, P. - *Temps et récit II: La configuration dans le récit de fiction*. Paris: Seuil, 1984, p.48.

ou a relação entre estas duas dimensões do tempo era impossível de estabelecer. O tempo imediato e o tempo como totalidade irrepresentável seguiam direções opostas. A doutrina da substância reduzia o pensar a um eterno presente. Na perspectiva crítica de Ricœur, nunca é desejável confundir o *Wie* com o *Was* como faz Heidegger. A analítica existencial heideggeriana não foi suficiente para o pensar.

Os paradoxos da apreensão do tempo mostram-nos como a narração é apenas uma tentativa entre outras, porém, a mais conveniente para ultrapassar este problema considerado insolúvel. A irrepresentabilidade do tempo obrigou inicialmente Ricœur a recorrer ao mito como forma de dizer tanto o seu aparecer como o seu escoamento. Efetivamente não se pode pensar o tempo senão narrando-o. Para ultrapassar esta linha de fratura interna entre a temporalidade autêntica e a temporalidade inautêntica, entre a presença e o presente, Ricœur, em *Temps et récit III*, afirma indispensável considerar a atividade mimética da narração.

“O rebento frágil saído da união da história com a ficção, constitui a designação a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica a que chamamos identidade narrativa”.⁶

Importa portanto pôr a questão: O que é a identidade narrativa? Como se constrói? Qual é o seu suporte? Só a narração da ação diz quem a praticou. A identidade daquele que age irá ser analisada em *Si-mesmo como um outro*⁷, a partir de quatro tipos de ação, em que se integram as duas dialéticas constitutivas do si-mesmo. Ipseidade e mesmidade conjugam-se construindo a coesão de uma vida. A mesma vida pode no entanto ser contada das mais diversas maneiras, não só por quem a viveu como por todos aqueles que a

⁶ RICŒUR, P. - *Temps et récit III*, p.355

⁷ RICŒUR, P. - *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990

narram. Ao narrar-se, o si-mesmo não se reconhece porém como um Eu egoísta e narcísico, do qual as hermenêuticas denunciam não só a hipocrisia como a ingenuidade e o arcaísmo nevrótico-infantil⁸. A identidade narrativa surge como o resultado de um *vida bem examinada*, que a narração clarifica através do reconhecimento dos efeitos culturais e das obras que a concretizam. As psicoterapias mostram, por seu lado, como as histórias de vida são corrigidas pelas narrações sucessivas que sobre elas vão sendo feitas, de tal forma que um sujeito, ou um povo podem, em última análise, reconhecer-se nas histórias que sobre eles foram sendo contadas. Há portanto uma circularidade entre as diversas narrações da identidade e a receção posterior desses textos. Este círculo da mimese não é porém vicioso. Pelo contrário, é virtuoso. Por isso é que a narração pode guardar o tempo e as identidades narradas, porém sempre de forma diferente.

2 – O papel da intriga na poética da narração. Que significa narrar?

Todos sabemos que a vida sempre esteve ligada à narração. É pela narração que contamos uma vida do nascimento à morte⁹, afirma Ricœur. Que seria de uma vida ou de uma cultura que não pudessem ser contadas? É a narração que, pela intriga, conjuga a semântica da ação com a simbólica e a fenomenologia do tempo vivido sendo por isso mesmo a narração a forma imediata do homem se identificar consigo mesmo no mundo. Porém a relação entre a vida e a sua história não é fácil. A narração enquanto *muthos* pode não respeitar a “vida vivida” e contá-la sob a forma de ficção. Mas “vida contada” e “vida vivida” serão distintas como alguns pretendem? Paradoxalmente

⁸ RICŒUR, P - *Temps et récit III*, p. 356.

⁹ RICŒUR, P. - *La vie: un récit en quête de narrateur*. In *Écrits et conférences 1. Autour de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 2008, p.257

é a abertura à ficção que mostra como a vida não tem apenas uma dimensão biológica, nem meramente descritiva. Como relacionar porém viver com narrar? Vamos refletir sobre o ato de narrar.¹⁰

Desde logo torna-se impossível confundir a narração com a descrição.¹¹ Narram-se as ações descrevem-se as situações, isto é, narra-se o fazer, pelo contrário descrevem-se os objetos e as personagens. Também o tempo é diferentemente abordado nestes dois tipos de discurso. Ao tempo contínuo e sucessivo da descrição contrapõe-se o tempo eventual da compreensão, onde o encadeamento dos factos é sempre imprevisível. A construção da narração requer um ponto de partida e um ponto de chegada onde a ação termine. A narração é, por isso, um todo fechado e não uma série aberta de acontecimentos a que é sempre possível acrescentar mais factos. À arte de compor uma história chama Ricœur configurar uma intriga. Ora para os gregos o *muthos*, a *intriga*, tanto podia significar uma “fábula” como uma “história bem construída”¹². Quer dizer, a intriga não tem uma estrutura extática, é antes uma operação integradora que só termina no recetor vivo que interpreta a história ao ouvi-la ou ao vê-la representada. É pela dimensão integradora da intriga que a história se torna una e completa. Nesta ótica a construção de uma intriga surge como um processo estruturante de uma vida singular. A intriga procura “re-presentar” ou “imitar” a realidade humana segundo os princípios que lhe são próprios¹³. Representar uma ação¹⁴ é portanto uma operação dinâmica de composição dos elementos diferentes que compõem uma vida. Nesta ótica, surge a inseparabilidade entre *muthos* e *mimésis*. *Mimesis praxeos* significa a arte de imitar as ações concretas de uma vida. Ao construir-se a intriga constrói em

¹⁰ ARISTOTELES - *Poétique*. Trad. Roc et Lallot. Paris: Seuil, 1980.

¹¹ RICŒUR, P. - *Soi-meme comme un autre*. Paris: Seuil 1990.

¹² ARISTOTELES - *Poétique*. Trad. Roc et Lallot. Paris: Seuil, 1980.

¹³ GILBERT, M. - *l'identité narrative*. Paris: Labor et fides, p. 2001, 50-53.

¹⁴ ARISTOTELES - *Poétique*. 6, 50a2-3

simultâneo a identidade daquele visa e a quem distribui um determinado papel no decorrer da ação narrada. Uma vez será o de agente, outras o de paciente. O personagem assim construído surge num tempo que passa mas, paradoxalmente, permanece. Configurar uma história não é senão contar aquilo que permanece através daquilo que passa e foge. A *Mimesis* enquanto representação ou imitação da ação procura transpor para o espaço narrativo a experiência quotidiana. Se o “espaço narrativo” não fosse a imitação da nossa vida, a narração não teria qualquer sentido para nós. Como é então possível entender os mitos e as ficções? Ulisses ou Édipo serão apenas construções fictícias de carácter exemplar? Ou pelo contrário, o “fazer” que a narração conta, porque é um “fazer universal”, pode ser sempre compreendido por novos destinatários? A *katharsis* acontece no momento em que o recetor da narração ao refigurar o mundo do texto alarga compreensivamente o mundo onde ele próprio vive e está ancorado. Ricœur considera três formas de mimese. Para que a intriga enquanto *mimesis* possa oferecer uma compreensão nova dos acontecimentos é necessário que tanto narrador como destinatário tenham uma pré-compreensão comum do agir humano: *mimesis* 1¹⁵. Sem a pré-configuração do mundo e da ação em geral a narração seria impossível. A pré-figuração é assim a condição do encadeamento narrativo da intriga e supõe o reconhecimento das estruturas temporais inerentes à praxis humana. Neste campo impõe-se distinguir *causas* de motivos e intenções. A *mimesis* 2 tem em Ricœur uma função mediadora ao “transformar os acontecimentos ou os incidentes factuais numa história¹⁶. Pela intriga a multiplicidade dos acontecimentos deixa de ser uma simples enumeração e transforma-se numa totalidade significativa, que passa a ter um tema específico. Concordância e discordância coordenam-se dialeticamente ao integram na repetibilidade dos factos a dimensão do inesperado. A *mimesis* 2

¹⁵ RICŒUR, P. - *Temps et récit I: L'intrigue et le récit historique*. Paris: Seuil, 1983, p.125.

¹⁶ RICŒUR, P. - *Temps et récit I*, p. 127.

permite também combinar tempos diferentes. O primeiro, o tempo que se pode medir é cronológico, o segundo, o tempo do acontecimento, embora temporal, não é cronológico. A intriga combina-os numa concordância discordante. A forma como Ricœur pensa a *mimesis 3* mostra como a imitação da ação só tem sentido quando no seu termo está na sua refiguração pelo destinatário. É o ato de escuta ou de leitura que acaba o ato de configuração¹⁷ ao re-situá-lo no mundo vivo. Sabemos que a narração visa sempre um outro ao qual se dirige. Sem o destinatário a narração não teria sentido por isso a configuração do sentido incumbe tanto ao narrador como ao destinatário. A inteligibilidade da narração é construída por ambos e tem como finalidade provocar a purificação ou – *catarse* – na vida emocional do destinatário. E como? Os acontecimentos narrados não só fazem parte da experiência imediata do narrador como também se inscrevem na dimensão universal da acção podendo ser compreendidos por qualquer intérprete.

3 –A narração, entre hermenêutica e psicoterapia

Como vimos, o tempo constitui o horizonte da compreensão narrativa. A intriga constrói-se em simultâneo com a identidade narrativa. O problema fundamental abordado em *Si-mesmo como um outro* consiste na tentativa de articular na identidade pessoal a permanência com as mudanças sofridas na existência concreta. Ricœur defende a tese de que só a narração nos permite compreender a identidade como sendo capaz de conjugar continuidade e mudança na relação consigo e com o outro. Por isso a narração é o passo decisivo para a compreensão de nós próprios. Mesmidade e ipseidade cruzam-se na atestação de si com a alteridade. Por isso um homem incapaz de narrar-se é também incapaz de se pensar. Só um sujeito capaz de considerar a sua vida como um

¹⁷ MONGIN, O. - *P. Ricœur*. Paris: Seuil, 1994, p. 182

todo significativo é capaz de se reconhecer como uma identidade narrativa.¹⁸ Neste sentido, só ele pode tornar-se responsável. Há, portanto, na perspectiva de Ricœur, um laço entre a procura de uma vida boa de ordem ética e a capacidade de pensar a sua própria vida e de a narrar como uma “totalidade singular”. Porém, a “totalidade” que a narração conta não comporta todos os acontecimentos vividos nem aponta uma única interpretação. Ao proceder à “reunião” dos factos a intriga pretende apenas construir um “todo com sentido”. Importa portanto distinguir a noção de “totalidade” da noção de “totalização”. Nesta perspectiva, seguir uma narração é, tanto para o ouvinte como para o terapeuta, refigurar o ato de configuração que lhe dá forma. Ambos completam a sua significação ao serem convidados a considerar as indeterminações, mas também a riqueza da história à luz do mundo do intérprete

Narração e vida cruzam-se, portanto. Se as narrações são *mimesis praxeos*, ao serem ouvidas ou lidas estão igualmente ligadas à estrutura do agir e do sofrer. Há assim um paralelismo entre os conceitos que presidem ao agir e os conceitos que presidem às intrigas das narrações, por isso mesmo as narrações são fundamentais para a interpretação psicoterapeuta. Os pedaços descosidos das histórias, que conta cada um, podem ser integrados pelo psicoterapeuta numa história não só sustentável como inteligível. Cada um de nós é o nó constituinte de uma pluralidade de histórias que aspiram a ser contadas por um narrador assim como a ser ouvidas por um outro semelhante a si próprio.

Conclusão – A partir de Ricœur...

Consideremos alguns dos pontos que me fizeram abordar a compreensão narrativa do homem como projeto de um diálogo novo entre antropologia-hermenêutica e psicoterapia.

¹⁸ RICŒUR, P. - *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p.187-190.

Em primeiro lugar, um dos grandes temas que a obra de Ricœur levanta e ajuda a pensar é a questão da identidade pessoal. A procura de si é, porém, um caminho doloroso que confronta na identidade, mesmidade, ipseidade e alteridade. Mais ainda, Ricœur mostra como o sofrimento decorrente da procura de si por si próprio nasce da desvinculação entre pensar e existir. A afinidade entre o *logos* e o *pathos* humanos ajudam, segundo Ricœur, a pensar o desejo como verdadeiramente humano e não apenas como animal. A simbolização do desejo consiste, para este autor na transposição de uma estrutura psíquica individual para o fenômeno social da linguagem. Por isso as psicoterapias enquanto praxis linguísticas podem simbolizar de novo o que no sujeito estava sem simbolização.

Em segundo lugar, importa considerar a estrutura dialógica do desejo. A esta luz, os episódios da vida que o paciente conta podem ser entendidos como a forma deste desenvolver a sua capacidade relacional com o outro e sobretudo consigo próprio.

Num terceiro momento, importa sublinhar como “a narração de si” recorre para se dizer ao imaginário que paradoxalmente pode enganar. Para as psicoterapias os fantasmas são simultaneamente formas de acesso e de obstáculo à realidade. Dom Quixote é a expressão clara da relação fantasmática com os outros. É pelo recurso ao símbolo que Ricœur ultrapassa a dimensão enganosa do imaginário. Por fim, uma quarta dimensão tem de ser considerada. O imaginário é criação e não ilusão para a hermenêutica. A história de uma vida, ao desenrolar-se do nascimento à morte, mostra como ao processo de simbolização corresponde um processo de prefiguração da própria vida. Por isso a retensão no passado da melancolia, e a perda das dimensões temporais realizada pela esquizofrenia, parecem ter de repensar a noção de refiguração proposta por Ricœur.

A identidade narrativa ao estabelecer a unificação da experiência temporal vivida mostra no entanto o paradoxo da narração: por um lado a vida procura um narrador que conte e interprete a pluralidade dos seus não-ditos, por outro, revela, simultaneamente, as incapaci-

dades da identidade narrada. É neste âmbito que a narração se abre à reflexão sobre o sofrimento.¹⁹ Para Ricœur, o sofrimento significa a diminuição ou a destruição do “poder de agir” do sujeito. Por isso qualquer forma de ditadura (política, económica, social ou psicológica), ao destruir a capacidade do sujeito de se designar como narrador ou protagonista de uma história, esquece a historicidade das suas ações retirando-lhe a sua própria dignidade.

“Porque a nossa vida não terminou ainda, não conhecemos nunca o fim da nossa própria história. Nesta ótica, a narração que no quotidiano fazemos de nós próprios aponta como fim aquilo que esperamos da vida”.

Narração, identidade e tempo caminham a par.

Restos

À mediação entre o homem e o mundo chama-se referencialidade, à relação entre dois homens chama-se comunicação e à mediação entre o homem e si-mesmo chama-se compreensão de si. A hermenêutica ricœuriana aponta assim novos traços de referencialidade, pretende comunicar com o outro de forma não utilitária e, por fim, procura desenvolver a reflexividade sem ser de forma narcísica.

Com esta reflexão sobre a narração, pretendi mostrar: 1º-como a identidade narrativa preenche o intervalo de sentido entre as duas significações da identidade: a mesmidade do carácter e a ipseidade da promessa. É a articulação destas duas dimensões que confere a certeza epistémica à narração. 2º - A identidade narrativa assim construída não é uma ilusão mas também não está ao abrigo de qualquer suspeita. 3 –

¹⁹ RICŒUR, P. - *Soi-même comme un autre*, p 370-71.

A identidade que a narração constrói é tão só o equilíbrio entre a posse e o desapossamento de si que a narração revela e que o terapeuta escuta.

A hermenêutica, ao visar a narração, permite estabelecer uma relação estreita entre vida, significação e escrita. É uma tarefa que dá que pensar ao contrapor à universalidade da linguagem matemática da prova e da verificação a particularidade das línguas, das nacionalidades, da história e das singularidades pessoais. Nesta ótica, porque o mundo da natureza não esgota o real, a hermenêutica preocupa-se em apontar um outro nível de realidade – o nível das ações humanas – onde o tempo e o mundo se ligam através das histórias que os homens se contam mutuamente.

É para fundamentar esse novo modo de pensar o homem integral que Dilthey recorre à psicologia. Como dar porém à psicologia um método objetivo, que não o empírico, mas que igualmente permita constituí-la como ciência? Numa palavra, como fundamentar as ciências do espírito? “Compreende-se o homem, explica-se a natureza” responde Dilthey, empurrando a hermenêutica para um campo meramente metodológico. Com Heidegger e depois com Gadamer e Ricœur esta proposta é desde logo alargada. A hermenêutica não é redutível a um método que se oponha ao conhecimento empírico e verificável. Os preconceitos que a teoria de conhecimento de Kant propunha têm de ser ultrapassados.²⁰ Com estes autores a hermenêutica deixou de reduzir-se à interpretação textual e passou a visar a relação entre o sentido e o ato de interpretar, na sua dimensão pessoal e concreta. Ao preocupar-se com a plurivocidade das formas de viver e com a sua possibilidade de significar, a hermenêutica fenomenológica move-se entre espaços heterogêneos que inevitavelmente abrem ao conflito mas suscitam igualmente descobertas. Para Heidegger, o *Dasein* requer, para ser compreendido, a interpretação, que não só revela as possibilidades que o constituem, como permite evidenciar o sentido das

²⁰ RICŒUR, P. - *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil, 1969, p.11.

escolhas que a sua resolução, enquanto ser para a morte, comprova. À noção de sujeito fechado no seu mundo de significações e certezas defendida pelo primeiro Husserl, Heidegger contrapõe o *Dasein* como projeto aberto às manifestações do Ser.²¹ Como arbitrar, porém, nesta perspectiva, interpretações rivais? A hermenêutica atual não visa ser juiz, preocupa-se antes em reeducar o modo de perspetivar e hierarquizar as questões que surgem quando analisamos uma pessoa ou um facto. A interpretação de qualquer fenómeno parte da análise da “situação hermenêutica” onde este acontece. Para elaborar a desconstrução de um acontecimento a fenomenologia torna-se fundamental. A melhor interpretação de um fenómeno é, na perspectiva fenomenológica, aquela que dá mais visibilidade àquilo que o constitui e que ao fazê-lo põe em evidência a sua coerência interna. Linguagem e reflexão estão portanto relacionadas com a existência concreta, necessariamente situada e marcada historicamente, mas insubstituível no processo da interpretação. O *Cogito* não pode ser considerado como um ponto de partida absoluto, como queria a tradição, mas isto não significa que todas as interpretações sejam possíveis ou mesmo igualmente valorizadas. A interpretação tem de resistir, segundo Ricœur em *Do texto à ação*, por um lado ao carácter imediato dos factos empíricos e por outro ao carácter apodítico do *Cogito* cartesiano ou do sujeito transcendental de Kant²². O *Cogito* ferido, proposto por Ricœur em *Si-mesmo como um outro*²³, ao constituir-se pela dialética da mesmidade com a ipseidade, a que se segue a dialética da ipseidade com a alteridade, reconhece-se como atestação, isto é, como um “acreditar” e um “confiar” que constituem a única certeza a que o sujeito na hermenêutica pode aspirar²⁴. A atestação propõe consequentemente um novo tipo de certeza de carácter

²¹ IDEM - *Ibidem*, p.13

²² RICŒUR, P. - *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986, p. 30-35. GREISCH, J. - *Paul Ricœur: l'itinérance du sens*. Paris: Jérôme Millon, 2002, p.19.

²³ RICŒUR, P. - *Soi-même comme un autre*, p.15.

²⁴ RICŒUR, P. - *Soi-même comme un autre*, p.32.

veritativo. Esta crítica à tradição aproxima a hermenêutica ricœuriana das psicoterapias. O *Cogito* ferido é a resposta dada por Ricœur à noção de suspeita da consciência desenvolvida por Nietzsche e por Freud. Ora esta noção está na base das diversas psicoterapias atuais. Contudo, a consciência como mentira não é um problema a mais a acrescentar a outros que a antropologia filosófica e a psicoterapia já trabalhavam. Corresponde, antes, a pôr em causa não só o fundamento do pensar como a própria capacidade de significar da consciência.²⁵ Se para a modernidade os preconceitos eram motivos de erro e de infelicidade, na perspectiva de Gadamer, permitem, pelo contrário, aceder à reflexão sobre a finitude e variabilidade das posições do sujeito. Admitir a impossibilidade de mudar significa para a hermenêutica fenomenológica negar o caráter de processo que constitui o ato de pensar. Fechar-se em si-mesmo, fechar-se sobre os seus preconceitos é já uma forma de estar doente – é ignorar que o sentido é uma construção que exige o diálogo e a relação. O preconceito, tem portanto um caráter ambivalente, por um lado, pode atuar nas nossas costas sem que dele tenhamos consciência -é limite-, mas, por outro, permite reconhecer o caráter provisório das nossas posições pelas críticas a que os outros as sujeitam -é relação.

Nesta perspectiva, o outro da relação não só se transforma num meio de veracidade, como se torna na mediação indispensável para o meu autoconhecimento. O mal-estar vivido pelo sujeito manifesta-se tanto na recusa e na ignorância do outro, como em termos sociais no fanatismo e no fundamentalismo ideológicos. A procura da verdade é, por isso, sempre dialógica e histórica. Daí a importância da hermenêutica fenomenológica no campo da psicoterapia existencial enquanto abertura ao outro e desconstrução dos pressupostos do sujeito. Porque o diálogo está na base da terapia, esta é um trabalho feito a partir da narração que resulta da tradução de um horizonte

²⁵ RICŒUR, P. - *Le conflit des interprétations*, p.101.

particular num horizonte comum²⁶. Dito de outro modo, uma significação absurda torna-se, pela interpretação, numa significação compreensível. É porque os factos psíquicos têm um sentido imediato e um segundo sentido, que precisam de ser interpretados como textos que segundo Ricœur urge decifrar. Compreender uma ação é, assim, decifrá-la. A narração não conta ações isoladas, mas “práticas” que são processos que vão do mais elementar ao mais elaborado. Por isso a interpretação do psicoterapeuta é não só inultrapassável como insubstituível.

²⁶ GADAMER, H.-G. - Tratamento e diálogo. In *O Mistério da saúde*. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 121-131.